

Apostas esportivas atraem 15% no Brasil, diz Datafolha

Apostas esportivas atraem jovens e chegam a 15% da população

Apelo de jogos online é maior entre homens mais novos, mostra pesquisa Datafolha; gasto mensal médio é de R\$ 263

BETS NO BRASIL

João Gabriel e Paulo Saldanha

BRASÍLIA Pesquisa Datafolha revela que 15% dos brasileiros dizem fazer ou já ter feito apostas esportivas online, as chamadas bets. A prática está disseminada pelo país, mas o fenômeno é maior entre jovens e homens.

Quase um terço (28%) dos brasileiros de 16 a 24 anos afirma que já apostou. É o dobro da média de 15% para todo o país —7% dizem ter apostado, mas não apostam mais, e 8%, que continuam apostando.

Pesquisadores, médicos, educadores e integrantes de grupos de apoio a viciados em jogos relataram a Folha uma propagação entre jovens e adolescentes, com recorrência de casos problemáticos, mesmo com a proibição legal para menores de 18 anos.

O gasto médio mensal entre o total de pessoas que apostam é de R\$ 263 —equivalente a 20% do salário mínimo de 2023. Três em cada dez apostadores afirmam gastar mais de R\$ 100 por mês, mostra o Datafolha. Essa tem sido uma atividade masculina: 24% relataram ter apostado. Entre as mulheres, esse índice é de 9%.

Metade dos apostadores também diz que perdeu mais dinheiro do que ganhou. A pesquisa foi realizada em 5 de dezembro de 2023, com 2.004 entrevistas presenciais em 135 municípios, com pessoas de 16 anos ou mais de todas as regiões. A margem de erro é de dois pontos percentuais para baixo ou para cima.

A oferta de sites de apostas esportivas é liberada no Brasil desde 2018, após lei aprovada no governo Michel Temer (MDB). A partir disso, propagandas de bets passaram a dominar a grade da TV aberta, sobretudo em jogos de futebol. As redes sociais foram inundadas de anúncios, viralizaram pela atuação de influenciadores famosos.

O governo Jair Bolsonaro (PL) teve quatro anos para regulamentar o mercado, mas não o fez. Assim, o número de casas de apostas explodiu sem regras claras de atuação e fiscalização —em 2023, veio à público investigação de um esquema de combinação de resultados em jogos de futebol, inclusive da Série A, para lucrar indevidamente com apostas.

O governo Lula (PT) passou a trabalhar na regulamentação do ano passado. Já foi aprovada nova lei para definir taxação e funcionamento das empresas, que também deverão se credenciar para atuar no Brasil —atualmente, quem oferece apostas online no país tem sede no exterior.

A regulamentação total deve ser finalizada neste semestre. A legislação trata dos jogos da chamada cota fixa, em que é conhecido quanto se pode ganhar com a aposta (a partir de resultados de jogo de futebol, por exemplo).

Durante a tramitação do projeto de lei na Câmara, os deputados incluíam na categoria de apostas esportivas os jogos online, como cassinos e outros jogos de azar em ambiente virtual. Estima-se que até 60% da movimentação do setor venha desse tipo de atividade.

Críticos temem que isso facilite a disseminação ainda maior de sites que oferecem games que trabalham sem transparência, com promessas de prêmios exorbitantes

ou algoritmos fraudulentos. Já há investigações criminais sobre casos desse tipo.

Foi a partir de um anúncio nas redes sociais que o estudante Fábio [nome fictício], 17, chegou a um site de apostas. Morador da zona rural do Distrito Federal, ele não teve dificuldade para se cadastrar, mesmo sendo menor de idade.

"Vi um link no Instagram e fui redirecionado para o site. Lá eu tive que criar uma conta, coloquei e-mail, senha e falei que tinha 18 anos. Só marquei numa caixa ali: 'deixe o site gerar uma chave Pix e ele fez as transferências. Primeiro foram R\$ 20, que ele pediu. Depois mais R\$ 20, que também se foram rapidamente."

Fábio diz que muitos amigos apostam. "Joguei por curiosidade. Vi a propaganda, e pessoal comentando, e falei: 'Por que não tentar?'. Como tinha ganhado dinheiro, resolvi não ficar gastando mais."

Mateus Castello Branco leciona há cinco anos no Centro de Ensino Médio Elefante Branco, maior escola pública de ensino médio de Brasília. Ele diz ter percebido uma febre entre os alunos.

"Há grupos, principalmente de meninos, envolvidos quase que de forma compulsiva com os aplicativos de apostas ou jogos que prometem ganhos rápidos. Acreditam que realmente ficarão ricos, resisteindo às vezes a largar o celular para prestar atenção à aula."

A Folha questionou secretárias de Educação de todos os estados, que concentram as matrículas de ensino médio. Nenhuma disse ter tido relatos de problemas graves com apostas entre alunos, assim como não há apêses específicas relacionadas ao tema.

O médico Daniel Spritzer, pesquisador da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e coordenador do Grupo de Estudos sobre Adições Tecnológicas no estado, diz haver grande convergência entre as indústrias de games e de apostas. "Isso vai realmente aproximando crianças e jovens de jogos de azar, que são proibidos para menores de idade, e faz com que cada vez mais se torne algo naturalizado", diz.

De acordo com Spritzer, a literatura científica mostra que a prevalência de vício em jogos em adolescentes é entre 2% e 4%, o dobro do que se vê entre os mais velhos. "Jovens

são mais vulneráveis porque, nessa fase, há maior dificuldade de pensar nas consequências de longo prazo quando um dos aspectos envolvidos é mais prazeroso."

O Programa Ambulatorial do Jogo Patológico do Instituto de Psiquiatria da USP tem recebido público cada vez mais jovem em busca de tratamento. "A gente ainda não tabulou, mas sinto impressão que a amostra fica mais masculina. Surge agora a predominância da aposta online, sobretudo por meio do celular, com uma paridade em termos de prevalência entre apostas esportivas e cassinos online", diz o médico e professor da USP Hermanno Tavares.

Integrantes do grupo de apoio Jogadores Anônimos de São Paulo também relatam maior procura de jovens. Alguns vão com os pais, uma vez que menores de idade não são aceitos. "Há uma demora para as pessoas entenderem que sofrem de uma compulsão", diz um dos participantes, que ao longo de 11 anos de vício diz ter perdido R\$ 1 milhão em diversos jogos de azar.

Mas, olhando para trás, afirma que o começo de tudo foi na adolescência, aos 14 anos.

No Brasil, os jogos de azar e os cassinos físicos são proibidos desde 1946. A lei atual permite, no entanto, os jogos em plataforma online.

Apesar de o tema avançar para uma legalização plena, a pesquisa Datafolha mostra que 55% da população se diz contra. A maior rejeição é entre as mulheres (66%), que também jogam menos.

A nova legislação já traz itens relacionados a jogo responsável, preocupação com publicidade a menores e destinação de dinheiro para o SUS (Sistema Único de Saúde) para medidas relacionadas a danos sociais gerados pelos jogos.

A questão do vício em jogo é prioridade para o governo. Estamos desde o segundo semestre do ano passado trabalhando com o Ministério da Saúde", diz José Francisco Cimini Manssur, assessor especial do Ministério da Fazenda.

"Vamos estabelecer um grupo de trabalho com a Saúde para não só criar sistemas em conjunto mas também editar uma portaria mais específica no cuidado com pessoas que tiveram transtorno com aposta."

Questionado, o Ministério da Saúde diz ser prioridade a expansão e a qualificação dos serviços de saúde mental.

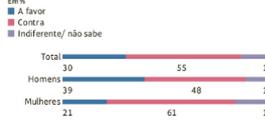
Para Hermanno Tavares, são necessárias campanhas de conscientização e regulação específicas, como a trava a características estruturais dos sites que podem favorecer o descontrole —como resultados que "batem na trave" e reforçam o viés de controle sobre resultados aleatórios.

A Folha procurou associações que representam as casas de aposta. O presidente do Instituto Brasileiro de Jogo Responsável, André Gelli, afirmou acreditar que, com regulação da atividade, o contexto competitivo deve mudar.

"As operadoras terão regras a cumprir, o que deve cobrir as dinâmicas comerciais atuais, onde, infelizmente, são correntes os casos sem qualquer controle. Com a regulação, a publicidade seguirá regras do Conar [Conselho Nacional Brasileiro de Autorregulamentação Publicitária] e o próprio setor deve ajudar as autoridades a fiscalizar multicores."

Apostar online é realidade para 15% da população

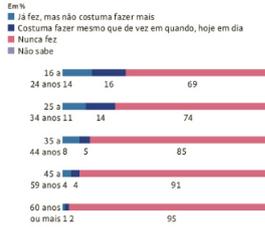
Você é a favor ou contra as apostas esportivas online?



Já fez ou costuma fazer apostas esportivas online, as chamadas bets?



Proporção de quem já apostou é maior entre mais novos

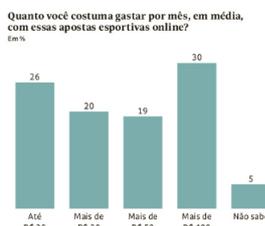


Prevalência de apostadores é maior entre quem tem até o ensino médio ou superior

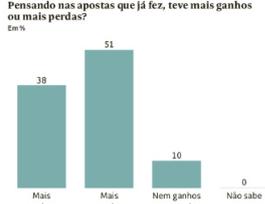


R\$ 263 é o valor médio gasto por mês entre aqueles que costumam fazer apostas esportivas

Quanto você costuma gastar por mês, em média, com essas apostas esportivas online?



Pensando nas apostas que já fez, teve mais ganhos ou mais perdas?



Fonte: Pesquisa Datafolha realizada presencialmente, com 2.004 pessoas de 16 anos ou mais em 135 municípios pelo Brasil, no dia 5 de dez. 2023. A margem de erro é de 2 p.p., para mais ou para menos. Devido a arredondamentos, totais podem passar de 100%.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Esportes Caderno: B Pagina: 1